Aula 5

AS HERESIAS ALTO-MEDIEVAIS (SÉCULOS IV E VI)

META

Analisar de maneira geral as heresias que surgiram entre os séculos IV e VI, assim como o paganismo ainda presente no campo.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

Identificar e conseguir definir o conceito de heresia e paganismo

Identificar as heresias alto-medievais do Ocidente e Oriente

Lenalda Andrade Santos
Bruno Gonçalves Alvaro

INTRODUÇÃO

Nessa aula temos como objetivos analisar de maneira geral as heresias que surgiram no seio da Igreja Alto Medieval e, principalmente, definir e localizar o conceito de "herético" e "pagão" cunhado naquele período. Procurando, dessa maneira, entender a maneira como os medievais lidaram e resolveram suas querelas teológicas naquele período.

No período correspondente ao século IV até o século VI tivemos alguns exemplos do que a Igreja Medieval e os chamados Pais da Igreja, tanto no Ocidente como no Oriente denominaram de "heresias". Eles, em geral, se caracterizaram por seu espírito polêmico conta a dissidência religiosa. Ao mesmo tempo, não podemos ignorar que o Cristianismo no século V ainda era uma religião citadina, deixando, assim, o campo como um espaço vasto cuja religião já desde o século IV, religião do cambaleante Império Romano, ainda não havia preenchido.

O PAGANISMO

Antes de falarmos efetivamente das heresias que surgiram nos primeiros séculos medievais, cabem algumas considerações breves sobre o fenômeno do paganismo naquele período e sobre isso, de maneira precisa, ressalta Jérôme Baschet:

> Por volta de 500, o cristianismo é ainda essencialmente uma religião das cidades (e bastante imperfeita, pois, por exemplo, em 495, ainda são celebradas em Roma as Lupercais, festas pagãs de purificação, ao longo das quais os jovens aristocratas correm nus através da cidade). Para se ter uma idéia, basta saber que é então que a palavra "pagão" ganha o sentido cristão que conhecemos ainda hoje. No entanto, como sublinha a *História contra os pagãos* de Orósio, "pagão" (*paganus*) é também o homem do pagus, o camponês. Assim, o politeísmo antigo é considerado uma crença de homens rurais atrasados. Ele não somente é uma ilusão "fora de moda", como já o havia dito Constantino, mas, além disso, é um resquício rural, objeto de desprezo dos citadinos. Para os cristãos, os deuses antigos existem, mas são demônios, que é preciso caçar. A expulsão dos demônios encontra-se, então, no centro de toda narrativa de propagação da fé cristã contra o paganismo (BASCHET, 2006, p. 67.).

Como pudemos observar a definição para pagão perpassa por toda uma conjuntura específica. Porém, de pronto, como ressalta Loyn (1997, p. 285), o termo era geralmente aplicado às religiões politeístas, contudo, no decorrer da Idade Média, observa-se, também, com frequência sua utilização na referência às religiões monoteístas não-cristãs, ou seja, o Judaísmo e o Islamismo.

Por fim, ressalta este autor que:

> O paganismo clássico persistiu até o século VI e outros importantes cultos pagãos incluiriam os deuses teutônicos dos povos germânicos e o *Aesir* dos vikings. O avanço do Cristianismo flutuou e toda a Europa, com ocasionais recaídas e incursos pagãs; a Lituânia foi o último baluarte pagão, convertido em 1386. A magia e o ocultismo, frequentemente associados a religiões pré-cristãs, persistiram, porém, durante toda a Idade Média, mesmo num contexto cristão, e o Cristianismo absorveu e adaptou frequentemente locais, festividades e práticas pagãos para facilitar a conversão; a fusão inicial produziu amiúde interessantes culturas híbridas (LOYN, 1997, p. 285).

Verifica-se, como demonstrado pelos autores em questão, que o Cristianismo foi paulatinamente absorvendo alguns desses elementos ditos pagãos, até mesmo para sua "sobrevivência". O que pode ser constatado, por exemplo, com a introdução de obras de autores pagãos clássicos, principalmente, Platão e Aristóteles, no pensamento filosófico medieval. Isso gerou diversas polêmicas, sobretudo no século XIII (período que não é nosso objeto de estudo nessa disciplina). Não podemos ignorar ainda a utilização dos escritos judaicos e islâmicos que ao lado dos supracitados filósofos contribuíram de maneira substancial no pensamento medieval.

ORTODOXIA E HERESIAS

À medida que a Igreja Medieval foi se expandido, consequentemente, internamente surgiram formas distintas de se encarar fosse sua organização ou mesmo o caminho de racionalização do lugar da segunda Pessoa no seio da Trindade. No entanto, durante os primeiros séculos do Cristianismo, as diversas heresias não chegaram a criar igrejas paralelas a oficial. Este "perigo", como veremos mais a seguir, surgiu, primeiramente, com a chamada crise ou controvérsia ariana do século IV.

Mas antes de nos fixarmos no arianismo, cabe definir de maneira clara o que a historiografia dedicada a Idade Média entendem por *heresia*. Para tal, mais uma vez, recorremos ao medievalista francês Jérôme Baschet:

> A heresia não existe em si e nada mais é do que aquilo que a autoridade eclesiástica definiu como tal. A própria noção de heresia (etimologicamente, "escolha") só adquire sentido na medida em que a Igreja se transforma em uma instituição preocupada em fixar a doutrina que fundamenta sua organização e seu domínio sobre a sociedade (BASCHET, 2006. p. 222).

De maneira geral, podemos entender que, em primeiro lugar, a heresia emerge de dentro do próprio seio da Igreja e, em segundo, só é assim considerada, pois é derrotada pelo discurso dominante que a ela se opõe

nesse mesmo seio. Citemos dois exemplos que, apesar de fora da órbita cronológica que estamos abordando, ajudam a ilustrar melhor o que estamos afirmando. Como primeiro caso, temos o exemplo dos valdenses, grupo influenciado pelas pregações do mercador Pedro Valdès (ou Valdo), que se converte em 1174, abandona todos os seus bens, possibilita uma tradução bíblica e passa a pregar segundo o Evangelho. No entanto, sua pregação bate de frente com o poderio do seu bispo e ele acaba excomungado, o que não o impede de continuar pregando. No entanto, acaba sendo considerado herege junto aos seus seguidores. Curiosamente, algumas idéias de Valdo e a maneira inicial que ele inicia sua pregação não difere muito do segundo exemplo que passamos a analisar.

Referimos-nos ao tão conhecido franciscanismo que surge como um discurso totalmente oposto a situação da Igreja no século XIII (Francisco de Assis prega a pobreza, assim como Valdo). Se compararmos as atitudes iniciais dos dois, Valdo e Francisco, veremos muito mais igualdades que diferenças: os dois são laicos "à procura de uma vida espiritual fundada na pobreza e em um retorno sem mediação ao Evangelho" (BASCHET, 2006, p. 224). Ou seja, de maneira bem geral, o franciscanismo só não foi considerado uma heresia, pois, diferentemente dos valdenses, acaba sendo absorvido pela Igreja – detentora do discurso dominante. O que leva a concluir que dependendo do interesse eclesiástico dominante no período, e isso pode ser regredido também a Alta Idade Média sem problemas, o que definirá uma heresia na Idade Média será o interesse da Igreja em preservar ou suprimir determinado discurso.

Desta maneira, podemos concordar com o que nos coloca a medievalista Monique Zerner, em seu artigo *Heresia*, presente no *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, organizado por Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt:

> O problema da heresia nasce com o cristianismo. Foi necessário mais de um século para se constituir o corpo canônico do Novo Testamento, ou a coleção dos escritos progressivamente definidos como "ortodoxos", isto é, descendente em linha direta do ensinamento de Cristo fixado definitivamente, o que permitiu formular um credo único e intangível e fundar a Igreja universal ("católica", em grego). Isso aconteceu por meio de inflamadas polêmicas. As divergências eram engrossadas pelas necessidades da polêmica e agravadas pela nascente instituição eclesiástica. Os vitoriosos tornaram seus opositores hereges (ZERNER, 2002, p. 503).

Chegamos, assim, ao ponto chave da nossa aula de hoje: Uma vez que já podemos distinguir o que os medievais consideraram como paganismo e a definição que os mesmos naquele período aplicavam para o termo heresia, nos resta agora apresentar e analisar as principais heresias do período alto-medieval, recorte temporal que estamos manuseado.

Como ressaltamos no início desse tópico, o primeiro “perigo” enfrentado pela emergente Igreja em caminhos de institucionalização foi a chamada “crise ariana”.

Ário, presbítero de Alexandria, em 318, trouxe à tona, mais uma vez, ao debate o tema das relações entre Pai-Filho. Objetivando salvaguardar a unidade da divindade, o presbítero alexandrino desvalorizou a figura do logos encarnado (ou seja, o Filho), marcando, dessa maneira, a superioridade ontológica do Pai. Ou seja, Cristo, convertia-se, assim, numa espécie de intermediário superior aos homens, porém, inferior ao Pai.

A doutrina de Ário logo se expandiu e provocou um grande racha na Igreja, principalmente, entre os cristãos do Oriente mediterrânico. Frente essa rápida propagação, Constantino, aconselhado por Ósio, convocou o Concílio de Nicéia, (325). Ário foi então desterrado e os bispos presentes no concílio lançaram de maneira solene as proclamações doutrinais do que passou a ser denominada “ortodoxia niceana”, assim, Cristo foi definido como substancial (*homousios*) ao Pai. No entanto, não podemos esquecer que tal fórmula é de procedência erudita e não escrituraria, ou seja, não foi fundamentada biblicamente (Cf. BASCHET, 2006; BAUMGARTNER, 2001, etc.).

Apesar de todo o empenho imperial e eclesiástico, o arianismo não foi sufocado com a proclamação doutrinal em Nicéia. Ao contrário, observa-se num período posterior diversas facções religiosas que iam desde a ortodoxia niceana mais radical até uma tendência mais dura do arianismo. Em finais do século IV, os princípios proclamados no Concílio de Nicéia foram ratificados no Concílio de Constantinopla, em 381, condenando mais uma vez o arianismo nas suas mais variadas manifestações.

Embora morto dentro das fronteiras imperiais romanas, o arianismo, diferentemente das demais heresias de então, ele demonstrou grande vitalidade rompendo as barreiras das eruditas discussões teológicas travadas nos círculos acadêmicos restritos aos grandes nomes da Igreja daquele período. O arianismo acabou sendo captado por amplas camadas da sociedade. Não podemos deixar de ressaltar mais uma vez que esta heresia foi absorvida pelos povos germanos que viviam do outro lado do limes, assim, quando, enfim, os visigodos e outros povos germânicos adentraram definitivamente as fronteiras imperiais em finais do século IV, se produziu uma revitalização da heresia com os conseguintes problemas de convivência, já que estes, apesar de já convertidos ao cristianismo, como ressaltamos em outra aula, professavam o arianismo e não a ortodoxia niceana como os cristãos romanos que permaneceram nas áreas recém ocupadas.

O arianismo, apesar de sua grande expansão, inclusive no Ocidente, é uma típica heresia Oriental. Vejamos a seguir as heresias que se desenvolveram no Ocidente Alto Medieval.

Os movimentos heréticos que ocorreram no Ocidente na Alta Idade Média não tiveram, *grosso modo*, origens relacionadas às querelas que surgiram

nas regiões do Oriente cristão. De maneira resumida, destacamos, à modo de exemplificação para este período, três heresias que, de alguma forma, "incomodaram", a Igreja Romana Ocidental: o donatismo, o priscilianismo e o pelagianismo.

O donatismo possuiu uma forte tendência rigorosa, defendendo a idéia de que os sacramentos só poderiam ter validade se fossem administrados por clérigos dignos. Ou seja, tal heresia tinha um forte teor de crítica aos clérigos que, de alguma maneira, desrespeitavam ou estavam em dissonância com as normas eclesiásticas. Vemos assim, uma forte defesa ao que denominavam *Ecclesia spiritualis* (Igreja espiritual) frente a *Ecclesia carnalis*, cujo significado está mais que explícito. O donatismo pode ser considerada uma heresia fruto da paulatina aproximação da Igreja com as autoridades romanas.

Na *Hispania*, que hoje corresponde a grande parte da Península Ibérica, vê-se surgir o priscilianismo, cujos componentes doutrinas iam de elementos gnósticos até crenças ancestrais dos camponeses.

Seu "criador", Prisciliano, bispo de Ávila, foi executado a mando de Máximo, em 385, na cidade de Tréveris, no entanto, essa heresia, que ainda hoje se mantém como um tema aberto na historiografia, já havia se espalhado bastante pela *Hispania*, principalmente, na região da Galícia. Para muitos estudiosos, Prisciliano foi a primeira vítima do braço secular a serviço da Igreja.

Por fim, temos o pelagianismo, a heresia ocidental da Alta Idade Média que, talvez, tenha tido a maior caracterização doutrinal. Sobre seu autor, Pelágio, nos informa Henry R. Loyn:

> Provavelmente de origem britânica, chegou por volta de 380 a Roma, onde começou lecionando. Em 410 tinha-se mudado para a África, onde suas idéias tiveram a oposição de Aurélio, bispo de Cartago (411). Segundo Pelágio, a vontade humana é completamente livre, capaz do bem e do mal. A graça divina é extremamente concedida de acordo com os méritos de cada um, sendo seu propósito facilitar meramente aquilo que o livre-arbítrio pode fazer por si mesmo; assim, o pecado de Adão foi puramente pessoal e não teve qualquer efeito sobre o resto da humanidade. Para Pelágio, a morte não é uma punição por pecados mas uma necessidade da natureza humana. Suas idéias levaram-no a atacar certas práticas: como nascemos todos sem pecado, não há necessidade de batismo de crianças pequenas; além disso, a oração pela conversão de outros é inútil, visto que não pode ajudá-los; a redenção de Cristo só tem efeito como exemplo. A argumentação de Pelágio suscitou uma torrente de oposição ortodoxa. O bispo de Cartago (411), Santo Agostinho (412), Orósio (415) e São Jerônimo (415) (LOYN, 1997, p. 293).

Em suma, Pelágio trouxe à tona naquele período problemas como o do pecado original e o da graça que, como sabemos, com o passar do

tempo, tornar-se-iam objetos de calorosos e controversos debates na teologia ocidental, se é que não podemos afirmar que o são ainda hoje.

Grosso modo, para esse "herege" – ao menos aos olhos dos seus contemporâneos vinculados a ortodoxia – o pecado original havia sido uma questão puramente pessoal, não transmissível para a humanidade e que, consequentemente, em nada afetava sua natureza. Sendo assim, a salvação não era uma questão de "graça divina" mas, sim, da capacidade do homem. Ou seja, Pelágio estava chamando atenção com isso para a prática de um moralismo ascético por parte do cristão. Alguns estudiosos tem definido a doutrina pelagiana de estoicismo cristianizado.

CONCLUSÃO

Como pudemos observar muitos dos conceitos que possuímos sobre o termo "paganismo" e "heresias" na Alta Idade Média, foram construídos por aqueles que possuíam naquele momento o discurso dominante. Em alguns casos específicos, como, por exemplo, o pelagianismo, as questões levantadas permanecem ainda hoje na contemporaneidade suscitando debates infinitos entre historiadores, teólogos e estudiosos de várias áreas. Fica evidenciado, também, que diversas questões hoje por nós naturalizadas tiveram suas origens nesse período específico da História que muitas vezes temos por hábito renegar ao limbo.

Podemos, através dessa temática, analisar com os nossos alunos em sala de aula diversos tipos de concepções que são historicamente analisáveis demonstrando assim como nossa disciplina é permanentemente viva, até mesmo quando trata de temas, aparentemente, distantes de nós no tempo e no espaço.

RESUMO

Na aula de hoje procuramos apresentar os conceitos de paganismo e heresia, demonstrando como tais enunciados foram construídos através do discurso daqueles que estavam no poder e acabaram se consolidando como o posicionamento dito correto. Procuramos, também, apresentar uma síntese das principais heresias orientais e ocidentais, assim como caracterizá-las para uma melhor compreensão.

ATIVIDADES

1. Explique a definição para o termo heresia na Idade Média.
2. Defina paganismo.
3. De que maneira você como professor pode utilizar os termos heresia e paganismo para elaborar uma reflexão em sala de aula com seus alunos?
4. Utilize os livros do seu Pólo e a Internet para saber mais sobre o tema desta aula.

PRÓXIMA AULA

Na próxima aula estudaremos a expansão do Islã e suas principais características gerais.

REFERÊNCIAS

BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal: Do ano mil à colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006.

BAUMGARTNER, Mireille. **A Igreja no Ocidente: Das origens às reformas no século XVI**. Lisboa: Edições 70, 2001.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente Medieval**. Bauru, SP: Edusc, 2005.

_____ ; SCHMITT, Jean-Claude. (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente**. Bauru: Edusc; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002. 2v.

LOYN, Henry R. (Org.). **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.